

MO
NO
LO
GAR



MARCOS CÉSAR DUARTE

Autor: Marcos César Duarte

Organização e Seleção dos Textos: José Renato Forner

Projeto gráfico: Renato Marcel

Projeto editorial: Daniela Espinelli

LIVRO 2
MONOLOGAR 2

PREFÁCIO

“Monologar” publica os textos teatrais de Marcos César Duarte em forma de monólogos. Escritas desenvolvidas em sua concepção para uma voz.

Os três textos registrados nesta edição chama a atenção nas diferenças das temáticas. O autor se mostra hábil na construção de cada texto e na diversidade de discussões propostas pelas obras:

“Maria e os pacotes” trata o abandono, o caminho da solidão embrulhada em pacotes. A poética do texto apresenta uma espécie de poesia cênica. Palavras encadeadas que produzem uma eterna espera;

“O Testemunho” conduz, com oratória de líderes religiosos, o depoimento de um homem cercado por vaidades e que se converte através da palavra divina. Uma das narrativas mais lineares do autor, que sustenta uma história com começo, meio e fim. O testemunho, que poderia soar comum aos ouvidos menos atentos, se desdobra em um texto onde a eloquência do discurso discute o convencimento por meio da empatia;

“O criador de porcos” narra um terrorista e seu método de trabalho, intercaladas pelas lembranças de seu avô. Dividido em capítulos -não atos- o texto “seco” e cirúrgico apresenta o metódico personagem e surpreende com um final quase lírico que contrapõe toda a condução e pragmatismo dos “capítulos” anteriores, onde a personagem conduz, de forma quase militar, negociações para realizar explosões de escolas infantis e outro lugares públicos.

O recorte proposto nessa seleção de textos revela uma escrita para vozes únicas e traz uma fluidez que se diferencia de outras obras do autor, onde textos propõem staccatos, deslocando tempo e espaço.

Assim como suas dramáticas para mais de uma voz (publicadas no livro “Humanas Dramáticas”), a dramaturgia amplia visões ordinárias e traz à tona visões deslocadas do senso comum. Convida o leitor/espectador ao desconforto, traduz olhares de alteridade e descarta qualquer representação de uma sociedade rasa.

Os monólogos de Marcos César Duarte, é privilégio para qualquer artista que sinta necessidades de experienciar a “solidão” do palco de modo não comum.

JOSÉ RENATO FORNER

*observação – os textos dramáticos abaixo estão em conformidade com a última edição do autor, o que significa pensar que durante as adaptações para o palco em forma de encenação ou leitura dramática podem ocorrer alterações de acordo com a direção do espetáculo.

ÍNDICE

MARIA E
OS PACOTES 06

16
O TESTEMUNHO

O CRIADOR
DE PORCOS 32



MARIA E OS PACOTES

MARIA E OS PACOTES

Uma sinopse.

A solidão que é a queixa presente nesse texto é o resultado do abandono. Maria, abandonada no altar, passa a viver nas ruas juntando seus pedaços. E guarda cada pedaço em pacotes que ela confecciona e vai agregando ao corpo, não como um adereço ou uma veste. Mas como parte e extensões do corpo e de sua memória.

Pedinte, Maria esbraveja contra quem lhe ameaça e resmungue pelas esquinas suas memórias e seu amor. O projeto de uma vida que não se concretizou passa a ser seu maior fantasma e sua maior iluminação.

Personagem das ruas, Maria não se importa com o mundo, se vê e se reconhece apenas em suas memórias e lembranças de uma felicidade que não pôde se tornar real, mas que em delírios emotivos abriga e consola seu maltratado corpo, sua louca e teimosa existência.

ATO ÚNICO.

ÚNICO ATO

Procuro seu beijo nas pontas de cigarro que acho na sarjeta. Seu cheiro de cigarro depois do café no balcão da padaria. Uma rua do centro. Na cidade. A noite das prostitutas que no mesmo balcão tomam duas doses de álcool para desinfetar o gosto do beijo alheio que pagou pelo prazer sem banho, com mau hálito. Seu beijo. Procuro seu beijo nas pontas de cigarro que encontro na sarjeta.

Quer mais um café?

Outro cigarro?

O padre falou que você precisa falar com ele. Não adianta eu ir lá e você não. Ele disse que a data deve ser marcada com antecedência de uns cinco meses.

Ele precisa consultar a agenda da igreja. Ele disse que maio nem pensar. São três quatro cinco casamentos por dia. Falei que poderia ser em setembro, no início da primavera. Você concorda? As flores ficam mais bonitas na primavera. Vamos enfeitar a igreja com tons de branco. Vou pedir para a vizinha nos emprestar essas rosinhas que ela tem no quintal e que florescem em setembro. O

que você acha?

Mais um café?

Os vizinhos?

Deixe os vizinhos.

Estão todos com inveja da nossa felicidade. Felicidade assim não é possível eles dizem. Eles sentem inveja. Sentem inveja do nosso amor. Da beleza do nosso amor. Sentem inveja do nosso sucesso. Sentem inveja da nossa felicidade. Ficam falando que você vai embora com outra. Com as prostitutas que tomam pinga no balcão da padaria para desinfetar o beijo dos homens. Depois de cada homem elas tomam uma pinga, um homem, uma pinga, um homem, uma pinga, um homem, a noite inteira, outro homem, outra pinga, o balcão nunca fecha, você vai embora com uma puta que toma pinga no balcão que nunca fecha dia e noite e nunca fecha e uma sarjeta e um cigarro apagado e onde foi parar teu beijo? Teu beijo. Outra pinga outro homem você não vai embora com uma vagabunda que toma pinga no balcão da padaria que nunca fecha.

Você não vai embora com uma puta que toma pinga no balcão.

Eu vou quebrar tudo. (O som de vitrais estilhaçados).

Não me assusta. O barulho. A imagem quebrada no chão. Eu não quero ficar aqui para sempre. Aqui tem pouca coisa. Onde está meu noivo? Onde está o meu amado? Eu não quero restos. Cacos espalhados. Cabeça quebrada.

O tempo não me deixa esquecer. Não me deixa. O tempo não me deixa. Não me deixa esquecer. O tempo não me deixa nunca. Ele só me faz saudade. Tempo maldito. Ele só me faz lembrar aquele dia lindo de sol.

Estou usando seu perfume preferido. Eu estou calorosa. Quando eu fico nervosa eu transpiro muito. Economizei comprar esse vestido.

Não é lindo!

Você não gostou?

Foi isso! Você não gosta de surpresas. Eu não falei para você qual era o motivo de tanta economia. Eu me lembro. É verdade. Você é metódico. Você sempre diz que o mundo é seu! Perdão.

O mundo é seu! O mundo é seu! O mundo é seu.

É verdade! Pode acreditar.

Eu comprei o mundo para mim. Você diz. Eu sou dono do meu mundo. E o que vale isso? Acho que me arrependi.

Mas não faz mal. Não tem problema. Eu vivo dizendo Você não se arrependerá. Ainda vamos ter filhos. Um já vem vindo. Herdeiros do dono do mundo.

Não. Não tem problema nenhum. Vamos morrer e assim tudo vai estar resolvido. Morro, e tudo está resolvido. Mas eu vou com esses pacotes. Meus filhos. Meu marido. Meu mundo. O mundo do meu marido. Meus pacotes. Vou morrer com meus pacotes amarrados em mim. Até morrer serei Lembrança, e a minha melhor amiga será a saudade. Meus pacotes.

Eu sou Maria dos Pacotes. Tenho roupas para vender. Eu sou famosa. Trabalho pelo nosso amor. Meu dinheiro é meu trabalho. Eu passo o dia inteiro vendendo roupas. Agüentando Madames e Amigas. Eu quero morrer.

A morte vem vindo me devorar. Um sonho tão jovem. As

marcas do amor. As rugas andam por perto.

As rugas estão vindo. Elas andam por perto.

O tempo ainda vai me comer.

Vai devorar esse corpo. Mas minha memória precisa permanecer.

Vou dar a minha cara para o tempo que vem vindo bater. Vou de frente.

Meus pacotes por perto e o mal do esquecimento não vai me pegar. Eu vendo vestidos.

O tempo. O tempo. Quando o tempo chegar o mundo e o universo estarão também prontos para o meu descanso.

Vou me despedir como alguém que viveu o seu tempo. Não podem me esconder. Meu espírito não está doente. Eu trabalho vendendo roupas. Larga desse pacote. Não mexe. Eu não roubo nada de ninguém. Não mexe. Esses pacotes são meus. Eu adoro cheiro de criancinha.

O caos das relações humanas. Eu vivo o abandono de mim mesma. Templos e Catedrais foram destruídas. Eu quebrei com tudo. Você não apareceu e eu quebrei o tempo todo. Fiz picadinho do futuro. Só vou sair desse jornal quando você chegar. Assim não desarrumo a cama com os lençóis novos que comprei. Como uma virgem. A cama toda branca. Novinha que eu comprei vendendo roupa para as senhoras da sociedade.

O futuro não é saudade. O futuro não existe. Não enquanto você não chegar.

Estou na espera pela luz e por uma verdade em cada esquina,

em cada beco escuro onde dorme uma Maria. Só aqui eu contei umas duzentas. Maria de todo jeito. Maria louca. Maria fedida. Maria chorona. Maria que o irmão internou. Maria mãe de deus.

Eu sou Maria. Morei durante dezesseis anos na companhia de Napoleão Bonaparte, de Jesus Cristo também. Tinha um escritor. Um locutor e lunático. Tinha o lutador. Tinha a pátria e a bandeira.

Nas marginais das ruas. Ruas marginais. Uma noite e a eternidade é marginalizada. Sou só esperança. Maria cheia de esperança. Eu guardo aqui nesse pacote o segredo que revela o que impede uma pessoa de ser feliz. Mas não abrir agora. Eu vou primeiro descobrir o que impede a felicidade de acontecer.

Mil e uma noites e sou só esperança. Você demora mas vai chegar. Sou a noiva a tua espera. Sou parte da felicidade. Sou metade de um sonho.

Você não faz questão de lembrar. Parece incomodado. Você vai se apagando. Você se apagando. Eu estou sentada. Esperando você chegar. Eu cansei de ficar em pé, te esperando. Preciso me sentar, não posso mais ficar em pé, eu vou sentar. Não tenha pressa. Vou ficar te esperando. Sentada!

Esse pacote tem um número embrulhado. O número da sorte. É meu.

Você não virá.

Você não vai me salvar dessa agonia.

Onde foi parar o paraíso? O nosso sonho. Lembra o nosso sonho?

Meu vestido lindo. Você não viu. Você não suporta o que não conhece não é mesmo. Mas olha, pode olhar, é só um vestido lindo

que eu comprei para você tirar.

Você não chega. Você não aparece.

Você ainda não chegou.

E eu estou aqui te esperando.

Um bilhão, quatrocentos e dezessete milhões e um segundo.

Quarenta?

Oitenta?

Uma hora?

Olha aqui o seu jornal. Eu estou guardando. O edital de nosso casamento. Nosso amor é coisa pública. No religioso eu uso branco. Vestido branco.

Sabe o bar que você costuma freqüentar? Foi assaltado ontem. É isso mesmo. Sorte você não estar lá. Estou guardando as notícias para você. Você pode chegar e pode querer ler as notícias. Você gosta tanto de comentar os assuntos do dia comigo. Meter a boca nas fotos da coluna social.

Depois o horóscopo. As fases da lua. Os progressos da ciência. Você conta estrelas como eu conto o tempo.

Tanto tempo...

O que foi.

Nunca viu não!

O que foi.

O que é que está olhando!

Querem me internar. E como querem. Tanto querem, mas tanto que parece que existe uma vontade soberana. . Um deus que acuda e me socorra dessa espera. Meu noivo vai chegar.

Olha. Ele já vai chegar. Não posso sair daqui, minha felicidade vem vindo. Posso sentir o cheiro dele, do perfume que eu dei para ele. Eu não posso sair daqui. Ele vai chegar. Esta dobrando a esquina. Eu tenho que estar aqui. Foi o que combinamos.

Esse outro pacote é um presente que eu trouxe para você.

Sabia, eu tomei choque elétrico.

Eu babava. Me algemaram na cama. E o que foi?

O que está olhando! Não tem coisa melhor para olhar. Vai olhar a bunda da sua mãe.

Nunca viu! Vai cuidar da sua vida!

O mundo agora é meu.

Você me tirou de casa.

Não quero voltar para casa.

O mundo não está mais lá. Lembra.

Nós combinamos que seriam pelo menos duas meninas.

Dois meninos. Um casal. Nós estávamos combinando isso. O que está olhando!

Eles ainda não me devolveram, mas vão me devolver. Eu juro para você que eles devolvem as nossas alianças. E as crianças brincando de roda. Um dia uma tem febre, outro dia uma tosse. Outra com anemia. Onde estão minhas criancinhas? Um dia vamos levar nossos filhos no circo. Vamos assim, de mãos dadas. Não, não deixe as crianças saírem assim correndo...venha aqui menina. Não corra assim... Ah, não chora bebê, não tenha medo. Logo vão acender a luz e você vai ver o palhaço no seu mundo de mentira. Todos os palhaços do circo. Moço pintado como palhaço. Olha, ele é um palhaço, o palhaço do circo. Olha, tem um domador. Olha o chicote dele, não, não me bate, não, estou esperando meu noivo, ele vai chegar com as crianças, combinamos de ir ao circo.

Eu comprei os anéis.

Eu coloquei no meio de um monte de flores com um cartão. O par estava dentro do envelope com o cartão. Meu amado. Meu doce amado.

Eles levaram as alianças. Eles nunca me devolveram. Nunca. Nunca. Mas o cartão está aqui. Nesse pacote. As flores estão aqui. Nesse outro. E o futuro está neste aqui.

Nossas alianças foram guardadas para o dia do nosso encontro. Quando você voltar tudo fica certo. O mundo será nosso, não só seu.

Eu comprei os anéis. Você ainda não voltou para casa. Eu nem ando mais. O tempo devorou minha história e eu não ando mais. O futuro. Preciso conhecer o futuro. Dominar o tempo e te esperar mais um pouco. Sentada.

Nossas alianças serão devolvidas. Você chega e nos casamos. Seremos felizes para sempre. As alianças, por favor!



O

TESTEMUNHO

UM MONÓLOGO.

O TESTEMUNHO

Uma sinopse.

O sentido da fé é de fato um mistério. É também uma força transformadora e transgressora. Assim o drama se estabelece pretendendo a salvação! As palavras proféticas, os acenos para uma cura pessoal, a libertação dos males do mundo: drogas, sexismos, dinheiro fácil. A vida tortuosa que escolhe a porta larga. As facilidades de uma vida cheia de relações de interesses e de apenas interesses. O vazio atrelado à existência.

Ao narrar seu testemunho o personagem reafirma sua transformação sob a ótica da fé. O delírio religioso que pretende libertar os homens da sofrida finitude o levando a se reconciliar com o poder divino.

ATO ÚNICO.

ÚNICO ATO

(off)

‘Estou liberto. O demônio que me perseguia foi embora. O demônio. O pai da maldade. Durante muito tempo fui vítima de sua astúcia.’

O Amor de Deus. (música capela ainda off)

Vivi o pesadelo do mal.

Vivi nas grades da ilusão.

Meu corpo aprisionado mergulhou no vício.

Pobre coitado. Todos me abandonaram.

Eu perdido em solidão.

A angustia cresceu feito erva daninha.

Só havia em mim devassidão.

Até que ouvi o Seu chamado.

Que a minha vida mudou.

O amor de Deus é justo.

O amor de Deus não falta.

O amor de Deus é fiel.

O amor de Deus ampara.

O amor de Deus me revelou a fé.

Despertou meu coração para o bem.

Eu, que conheci o vale da morte.

Que estava perdido

Me encontrei e agora vivo.

Vivo no amor de Deus.

(luz)

Andei pelos trilhos da vaidade. Hoje eu posso dizer que a vaidade é um veneno. E como todo veneno quando as doses são muito altas pode matar. O veneno bem aplicado pode salvar vidas. Mas o exagero. A falta de medida. O excesso. O veneno exagerado. O veneno na dose errada mata.

A vaidade foi durante muito tempo minha única ambição. Eu rezei. Mas rezei pela vaidade. Sentir orgulho do que faz é diferente

de se achar o máximo. E eu me achava o máximo. O tal. O imortal. O bem apessoado. Ser bacana e ser famoso. Ser o tal e ser adorado. A vaidade é uma das línguas que o demônio usa para falar com você. Quando ele quer falar com você o demônio não mede esforços e cutuca lá no fundo da alma. Ele vai buscar uma falha, um detalhe, uma mínima concessão. Uma fresta. Amanhã eu não faço mais isso, você diz. Vou fazer pela última vez você diz. Amanhã não faço mais. Você diz. Diz e acredita que está no controle. Vou deixar para amanhã. É o que vou fazer. Essa é uma oportunidade: deixar para amanhã. O demônio que ronda na escuridão, que se entrelaça com as mentes fracassadas vai achar uma porta aberta e vai logo se sentar no sofá da sala. Ele se instala na sala da sua mente e domina tudo. O demônio sai procurando um espaço onde possa enfiar uma dúvida, um elogio bem aceito, uma mentira bem dita, uma ilusão que é plantada dentro da nossa cabeça. Aqui, bem aqui. É assim que ele age. E cochichando no seu ouvido ele conduz você para as armadilhas. Vou contar uma que aconteceu comigo. Ele, o famigerado tinha total controle. Começou numa noite com uma dona rica, madura, uma mulher formada. Ela me achou na rua, eu saindo de uma conversa no bar e indo para casa, dormir, no dia seguinte vou trabalhar cedo, ela encosta seu carro perto de mim, abre o vidro, ela está ali, com as pernas de fora, me chamando, me convidando para entrar no seu carro, queria dar uma volta comigo, vamos, vamos dar uma volta comigo, estou tão sozinha. Eu entrei e ela me levou até o seu apartamento. Eu era bonito. Sempre fui gostoso. Boa aparência. O tal. Um cara boa pinta. A dona me beijou. E tinha uma bebida no carro. Uma bebida, ela me ofereceu a bebida, eu dei um gole. Mais um. Eu bebi e continuamos andando. Lá no apartamento ela me deu outro beijo. Abriu a porta. Entrou e foi me levando para o seu quarto. Perguntou se eu queria beber mais alguma coisa. Porque não? Bebida boa, eu um cara bacana, uma mulher linda, um apartamento bacana, um carrão, eu já estava pronto para dar ouvidos ao demônio e fazer sua vontade. Mais um copo. Dois. Três. Quer experimentar uma coisa bacana, de qualidade? Claro, o que é? Ela abriu a bolsa, tirou um frasco cheio do pó branco. Despejou uma porção sobre a mesa que estava perto

da cama. Com sua carteira de identidade esticou o pó em carreiras sobre o vidro da mesa. Tirou uma nota de cem dólares, enrolou, enfiou no nariz e cheirou uma carreira inteira em uma só fungada. Cheirou tudo. Respirou mais fundo. Seus olhos brilhavam. Bebeu um gole e me ofereceu a nota.

Ela é rica. Mora num apartamento de gente rica. Tudo rico. Vida boa. Eu, boa pinta, numa parada daquela, no apartamento de cobertura. A mulher cheia do dinheiro me queria. E queria mais e eu também queria mais, e aquilo tudo estava muito bom. Ela cheia do dinheiro. Quadros nas paredes. Banheira. Banho quente, confortável. Cheirei uma vez. Outra. Ela falando coisas no meu ouvido. Bebi mais. Bebi. Mais uma. Foi assim a noite inteira. Uma noite inteira.

No dia seguinte eu acordei numa cama macia. Eu nunca vi uma cama tão macia. Ela tomava banho. Entrei e tomamos banho juntos e ela disse que tinha umas coisas para fazer. Disse que eu precisava ir embora. Ela tinha que buscar o marido no aeroporto. Fazer uma surpresa para ele. Ela me deu algum dinheiro. Pediu o número do meu telefone. Me deixou na mesma esquina onde me encontrou. Disse que queria me ver outra vez.

E sabe o que aconteceu? O que aconteceu foi que ela despertou em mim o desejo. Um desejo que estava adormecido. O desejo de uma vida de facilidades. Uma vida onde tudo é fácil, tudo legal, tudo bacana. Tudo pode. Tudo é permitido. Tudo é impune. Tudo é maravilhoso aos olhos da soberba. Tudo é tranquilo demais.

Quem não quer uma vida assim? Quem? Quem não quer que me atire a primeira pedra. E desse dia em diante foi assim a minha vida: fácil. Um dia sai com outra senhora. Mais um dia e outra festa. E outra mulher carente da sociedade. Outra mulher colecionando prazeres. O mundo é uma coleção de prazeres. Sabe aquela ali, que vem chegando, gostou muito de mim. Aquela outra me deu esse relógio. Aquela me levou para um final de semana na marina. Tudo uma festa. Festa de gente bacana. Festa todo dia. Elas me queren-

do, me bancando, eu o tal, eu era o tal e podia tudo. Elas me amavam. Uma festinha hoje, outra amanhã. Eu me dando bem. Larguei o emprego. Agora o tempo era só prazer. Nada de obrigação. Livre do patrão, livre das cobranças, livre. Só bebida boa, cigarro bom, perfume do melhor, cocaína da pura.

Então uma voz falou comigo. O demônio falou comigo. A voz do capeta falando comigo. Doce. Uma voz suave e ao mesmo tempo firme. Olha só, ele dizia. Olha que praia linda. Que barco bacana. Mais uma bebida? Mais uma noite de prazeres. Não é bom. O demônio falava assim na minha cabeça: tá vendo. Tá vendo como é legal. Tá vendo como é fácil demais essa vida. Elas gostam de você.

Mas é do capeta iludir. É do capeta seduzir com uma voz melosa. Ele vai dizendo as coisas e vai te convencendo de que a verdade é aquilo que ele deseja e faz você desejar também. E você deseja. Deseja mais. É uma mentira. Mas não importa. É mentira, mais uma mentira, mais uma mentira que o diabo coloca na sua cabeça e você pensa que é liberdade. Você acredita que é livre, que pode tudo e mais um tanto. O diabo te convence da verdade e a verdade do demônio é uma mentira que aprisiona você. Mas eu não entendia nada. Seguia ouvindo os seus sábios conselhos. Olha, ele dizia, elas gostam de você. Veja como você é querido. Querido. Elas te amam. Um querido é o que você é agora. Esquece aquela vida de miséria. Acredite na fortuna. Na boa sorte. E eu acreditei. Acreditei e fui indo. Fiz de tudo. Tudo quanto é perversidade que se puder imaginar eu fiz. Fiz em nome da vaidade. Fiz em nome da vida fácil. Fiz em nome do bom e do melhor. Fiz pelas calças bacanas, pelos passeios, pelos restaurantes cinco estrelas, pelas viagens. Fiz tudo pelo amor a mim mesmo. Fiz por amor ao dinheiro. Por amor ao luxo.

E fui bebendo dessa água que eu julgava a melhor de todas.

Aquele primeiro apartamento se multiplicou. Aquela primeira mulher, aquela primeira noite de loucura se multiplicou como se

fosse um campo florido. Como se o paraíso existisse e ele é aqui e agora. O paraíso do vício. E eu cheirei outra vez. E mais. Cada vez mais eu esfregava meu nariz nas mesas, nas bandejas, nos pratos. Nas costas das mulheres. Nos seios.

E nessa mão. Minha mão. Essas mãos. Eu colocava o pó aqui, levava até o nariz, como um malabarista que não pode se desequilibrar. Cheirava em qualquer lugar. E depois lambia a mão. Lambia. Não desperdiçar era a lei. Quanto mais, melhor.

Eu, o tal. Eu o belezinha. Eu, o gostosão. Eu servindo a todos e todos me servindo. Cocaína no nariz, na veia, eu o tal. E ficando ainda mais bacana com as roupas que ganhei para frequentar os lugares que frequentava. Noites nos melhores bares, nas melhores boates, nos melhores inferninhos.

Nasci pobre. E quem nasce pobre, na miséria, sabe do que estou falando. Não existia pai. Morreu de tanto beber deixando os cinco filhos para serem criados por uma mãe adoecida de saudade. O que eu tinha era uma boa conversa.

Nasci pobre de fazer dó. Pobre. Bem pobre. E quando eu conheci o poder do dinheiro, e quando eu conheci as facilidades do dinheiro, e quando eu percebi que meu corpo era adorado pelos homens e pelas mulheres e por casais e por todo o mundo eu fui. E fui. Fui na onda das orgias. Bacanais. Fui no barco do demônio. Cheirava e bebia. Noite sim, dia sim, noite sim. Noite sim, dia sim. Todo hora tinha uma ponta marcada.

Até que essa vida foi se acabando, se acabando e acabando comigo. Eu queria mais. Eu não queria que acabasse. Eu queria mais.

Mas estava acabando.

Então comecei a roubar. O demônio me aconselhou o seguinte: vai roubar moleque. Vai assaltar na rua. Beco escuro ninguém vai te reconhecer. Vai no beco e assalta!

Então fui desonesto. Um dia eu roubei e me dei bem. Outro dia eu adulterei. Um falsificador. Estelionatário. Roubava folha de cheques. Comprava nas lojas e trocava na biqueira.

Assinatura simples? Fácil de copiar? Eu falsificava. Ficava perfeito.

Qualquer vacilo e eu atuava. Um relógio esquecido no quarto, uma carteira cheia, uma roupa bacana, um sapato bom. Eu seguia subtraindo. E trocando por drogas.

Subtraindo dos outros e me enchendo de drogas.

Não estendia minha mão a não para roubar para continuar na boa vida. A única coisa era cheirar e beber e me sentir rico. Ignorei o miserável. Saí de casa. Abandonei minha família. Abandonei meus irmãos, minha mãe. Eu era um miserável e ignorei os miseráveis. Não. Ser miserável? Não. Nunca mais ser pobre. Quero ser rico. Poder cheirar a vontade. Frequentar os melhores bares, as melhores casas, os melhores inferninhos. Era tudo o que eu queria: banho chique, perfume chique, roupa de grife, tênis da moda. Eu era bacana. E bacana não da esmola.

Uma vez aconteceu de um velho paralítico pedir um trocado no trânsito. Eu ignorei. Amaldiçoei o tempo perdido. Sai da minha frente. Lerdo! Vivi o ódio. Naquele dia. E em todos os outros eu vivi o ódio. Reclamei de tudo.

Quando a sorte me abandonou eu parti para o despacho. Acendi vela para agradar defunto.

E as coisas seguiam se complicando. Foi ficando mais difícil. E o capeta lá, falando comigo. Vamos cheirar mais uma, é tão bacana. Vamos. Não tem dinheiro, a gente rouba, a gente só deu bem até agora. Então vamos roupar mais ele dizia.

A morte estava batendo na minha porta. Eu vi ela se aproximar. O pavor tomou conta de mim. Pensar na morte. O medo da morte. Eu era só medo. Medo de ter a morte como companhia. Medo de morrer nos braços das drogas. Mas o demônio não me deixava fraquejar. Ele me tranquilizava. Calma. Calma ele dizia. Sua hora vai chegar mas não será agora.

O demônio já tinha levado vários amigos. Fui perdendo os amigos. E ele dizia: só os fracos morrem. O demônio me dizia que só os fracos desistem. Você não é fraco, é? Não! Você é forte. Não se importe com os mortos nas calçadas. Eles são fracos. A fraqueza não serve. E o demônio seguia abraçando meus amigos, mas só os fracos. Segue em frente, ele dizia. Continua roubando.

E eu roubei. Eu roubei uma velha aposentada que parecia minha mãezinha. Mesmo assim eu roubei. Satã falava na minha cabeça. ‘Não se importe com isso, ela é velha, você é novo’. ‘Não se importe. Ela logo vai morrer e você vai viver mais, vai viver feliz e ter prazer com o dinheiro dela’. ‘Rouba!’ Ele dizia. ‘Vai e rouba pra comprar aquela droga gostosa. Aquela droga que você não tem mais. Rouba! Rouba!’

Ele dizia para me convencer. E eu acreditava. ‘Vai e rouba! É só uma velha com dinheiro. Rouba!’

Irmão. Satã falava na minha cabeça. Satã e aquela mulher do apartamento. Satã e as orgias. Satã e a facilidade. Satã e a impunidade. Satã e sua porta larga. Satã me fazendo acreditar que eu era o maior. Que eu podia tudo.

Com as mãos fechadas eu agredia meus amigos. Pego, no auge da loucura eu esmurrava as velhas, os velhos. Com os punhos fechados enchia de bordoada e roubava o que pudesse e seguia para trocar por drogas.

Com as mãos fechadas louvei sataná. Quem é que nunca pensou em fazer um negócio com o demo? Quem nunca caiu em tentação. Livrar-se do peso da vida. Uma vida de misérias e privações. Eu estava cansado de ser infeliz. Mesmo que fosse uma ilusão. Mesmo que fosse apenas um alívio passageiro. Tudo. Qualquer coisa era melhor do que ser pobre. Eu assumo. Eu assumo irmão. Pequei feio. Fui todo ouvido para o que dizia o demônio. E eu entendi tudo. Cada palavra eu entendia: nunca mais ser pobre. Ser o bacana. Eu pequei irmão.

Então aconteceu.

Um vulto vindo em minha direção. O craque. Um baforadas, o craque. Era um vulto todo escuro. Eu estava na rua indo para casa. Fazia frio. E aquela sombra se aproximando. O me do me cegou. Um pavor ia me derrubando e me curvando. Um pavor que só crescia. Quer me levar? Pode me levar. Mas ainda não chegou minha hora. Ainda não. Quero me divertir um pouco mais. Mais um pouco.

O par de coturnos chutou minha boca. Eu estava de joelhos. Outro chute. Não faz isso. Por favor. Não me bate. Me deixa ir embora. Você vai ficar de molho por um tempo. Arrumamos uma vaga e você é o convidado. Você vai gostar.

Acordei inchado na cama da cela. Babava sangue. Meus olhos inchados. Ouvia conversa de gente decidindo o meu destino. Quem é esse cara? Um ladrão de velhinhas? Cherador de merda. Os caras te bateram mesmo. Você tá feio que é só o demônio.

Eu parecia o demônio. Um demônio cheio de dor. Toma aqui irmão. Toma a palavra. A palavra da verdade.

Abriu minha mão e deixou alguma coisa entre meus dedos. Vou deixar aqui. Não sua mão.

Duas semanas se passaram e só então eu voltei a enxergar nitidamente. Minha boca não sangra mais. Eu só conseguia comer com o lado esquerdo da boca. Fui tomar o meu primeiro banho depois de duas semanas ali dentro daquela cela com mais vinte e cinco.

Voltei para a cama. Ainda estava fraco e trêmulo. A droga. Precisava da droga. Mas estava fraco. Precisava dormir. Foi tentando arrumar o travesseiro que achei o livro. O cara que te deixou isso foi embora. Cumpriu sua pena pegou um indulto e não volta mais. No dia que você chegou ele deixou isso na sua mão.

O que é? É a palavra de deus. A palavra de deus? Sim. A palavra de deus. A palavra do senhor. Do soberano de todas as graças. Daquele que hoje pega a minha mão e me conduz pelo caminho estreito. O caminho da vergonha. O caminho do arrependimento. Pela porta estreita me conduziu o senhor.

Minhas mãos que estavam fechadas pela possessão do demônio se abriu para o milagre do senhor. Milagre e glória do senhor que me resgatou do inferno. O senhor estendeu sua mão de prosperidade para mim. A mão estendida era a enorme misericórdia do senhor.

Eu apanhei irmão. Continuei apanhando. Primeiro o corretivo do policial. Depois as ordens dos companheiros de cela. Continuei apanhando. Apanhei feito um cachorro sem dono na roda de moleques. Sabe essas brincadeiras de amarrar bomba de festa junina em rabo de cachorro? Sabe o que é acordar e não ter água e outro

cara está te perguntando se você vai dormir muito, se você não vai lavar a roupa dele, se você não vai varrer a cela, se você ainda não começou? Por que não começou? Anda, pega essa vassoura e varre senão vai apanhar mais. Irmão, eu apanhei. Nunca esqueci como é varrer uma cela com 25 detentos. Depois limpar o único banheiro usado pelas 25 pessoas. Apreendi a lavar roupa. Lavei roupa de 25 detentos. A cueca de 25. As calças dos 25. As camisetas dos 25.

Eles me apelidaram de 'gardenal'. Ai 'gardenal', limpa essa porra aqui. E limpa direito, não tá vendo que tá manchando o chão.

Mas o pior não foi isso. Irmão. Não foi não. O pior era a abstinência. Eu fazia tudo isso ansioso. Eu tinha convulsões. Ficava cheio de hematomas de tanto me debater no chão. Olha esse cara. Rolando no chão. Que nóia é essa 'gardenal'? A droga. Eu precisava da droga. Eu não tinha droga. Eu varria, eu lavava roupa e não tinha droga. Eu apanhava e não tinha a droga. Eu não dormia querendo a droga. A maldita droga que o demônio colocou no meu caminho. O demônio que continuava curtindo com a minha cara. O que ele falava na minha cabeça quando eu estava livre, não servia mais para a vida de detento. Quando eu estava lá fora ele falava na minha cabeça. Vai. Só mais uma. Só mais um peguinha. Vai. Só mais um gole. Vai. Só mais uma cheirada.

E agora eu nesse inferno de prisão limpando a latrina dos companheiros. Foi ouvindo o demônio que acabei no inferno. Foram longos dias. Dez anos, nove meses, vinte dias, três horas e quarenta dois segundos.

Eu pedia um trago mas o companheiros de cela negavam. Tem que pagar irmão. Grana. Dinheiro. Aqui nada é de graça. Tem que pagar. Mas eu lavo sua roupa? Isso é outra coisa. O 'gardenal' tem que limpar a sujeira daqui. Fui claro. E o pagamento é ainda estar vivo.

Foram anos sem receber visita na prisão. Nada. Ninguém. Todos desapareceram.

O demônio me tirou tudo. A droga me tirou tudo.

Então eu supliquei.

Eu supliquei. Eu supliquei muito. E o livro lá. E palavra do Senhor ali, embaixo do travesseiro. Um livro fechado num zíper. Um livro. Um livro pequeno de tamanho e grande de conteúdo. Quando acabavam minhas tarefas na cela eu abria o livro.

Abria lentamente o zíper. E dentro de mim começou a semeadura da fé. O zíper aberto, a palavra aberta. E palavra me acolhia em seu consolo. A palavra. ‘Felizes aqueles cuja vida é pura, e seguem a lei do Senhor’. Eu lia procurando a felicidade. A droga me deixava feliz. O demônio me deixava feliz. Mas era uma felicidade falsa. Mentirosa. Era a alegria efêmera. Era nada. Era nada porque agora eu estava diante da palavra do Senhor. E a palavra do Senhor liberta. A palavra do senhor abre os caminhos.

E a palavra foi me libertando. ‘Felizes os que guardam com esmero seus preceitos e os que não praticam o mal, mas andam em seus caminhos ‘retos’’. Um caminho reto com o senhor.

Na palavra do Senhor eu encontrei um caminho. Um caminho que um irmão colocou na minha mão. Um companheiro que estendendo a sua mão abriu a minha mão e me libertou das vontades do demônio. O demônio que me perseguia. O demônio que desejou minha alma. Com esse eu não converso mais.

A palavra do Senhor me libertou. A palavra que diz que é preciso lembrar sempre do Senhor. ‘De noite, lembro-me, Senhor, de vosso nome; guardarei a vossa lei. Escolhi como parte que me toca observar vossos preceitos’.

Senhor, eu ouço a tua palavra. Tua palavra me liberta. Tua palavra me guia.

Por isso estou aqui.

E caminho de praça em praça em praça. O tempo que fiquei na prisão me mostrou que a importância de estar livre. Eu era novo. Bem apessoado. E o coisa era o meu senhor.

Hoje a vaidade está morta. Hoje minha palavra é a palavra do Senhor. E pelo Senhor caminho. 'Eu vos exaltarei, Senhor, porque me livrastes; não permite que exultem sobre mim meus inimigos. Senhor, meu Deus, Clamei a vós e fui curado. Senhor, eu sei que minha alma foi tirada por vós da habitação dos mortos. Vós me salvastes.'

Palavra do Senhor.

O senhor deus plantou em mim as sementes do amor. O amor de deus. O amor sem limites que acolhe. Eu fiz um pacto com o senhor. Eu falei: quero fazer um pacto com o senhor. O verdadeiro senhor. Senhor, me escuta, quero ser seu servo. Servir ao senhor. Quando eu sair dessa prisão louvarei o seu nome. Tua palavra senhor, vou levar a palavra do senhor pelas ruas do mundo. Pelas praças do mundo. Vou anunciar aos homens e irmãos as maravilhas que o senhor obrou na minha vida.

O 'coisa' não vai se aproximar de mim outra vez.

Hoje eu só ouço a voz daquele que me libertou.

Hino de Louvor. Consagração.

A ti senhor minha vida consagro

A ti senhor meu amor consagro

A ti senhor minha alegria

A ti senhor minha fortuna

A ti senhor a minha fé

Que contigo move montanhas

Que contigo abre os caminhos

Que contigo liberta da dor

A ti senhor minha vida consagro

A ti senhor meu amor consagro

A ti senhor entrego meus sonhos

Que contigo liberta o mundo

Que contigo ilumina os homens

Que contigo semeia esperança



O CRIADOR DE PORCOS

O CRIADOR DE PORCOS

Uma sinopse.

Alguns estudos afirmam que a psicopatia e sociopatia atingem um por cento da população mundial. Em 1941 o psiquiatra norte-americano Harvey M. Cleckley popularizou o termo 'psicopata' ao defini-los como homicidas charmosos e calculistas.

Assim é o personagem deste monólogo. Um atirador frio e calculista que empresta seus talentos com o manejo de armas a quem estiver disposto a pagar por eles.

No seu trabalho é comum o uso de armas de precisão bem como explosivos calculadamente colocados em lugares públicos sempre em prol de pagamento.

Passou parte de sua infância na fazenda de porcos de seu avô. Foi ali que ele aprendeu tudo o que sabe sobre armas e destruição.

ATO ÚNICO.

ÚNICO ATO

Adonai é meu pastor, não me faltará. Em verdes pastagens me fará descansar. Para a tranquilidade das águas me conduzirá. Fará meu espírito voltar ou retornar, e me guiará por caminhos justos, por causa de Seu nome. Ainda que eu caminhe pelo vale da morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estarás comigo. Teu bastão e teu cajado me confortarão. Diante de mim prepararás uma mesa, na presença dos meus provocadores. Tu ungirá a minha cabeça com óleo; minha taça transbordará. Certamente, bondade e benevolência me seguirão, todos os dias da minhas vidas. E voltarei na casa de Adonai por longos anos.

A REGRA.

A primeira vez que matei um homem foi por causa de uma aposta.

Vamos trocar nossas armas de brinquedo por armas de verdade – ele disse.

Somos amigos há anos e você não conseguirá me matar – ele disse.

A verdade é que você nunca sabe quem é o inimigo.

O terreno é acidentado com grandes árvores e mata fechada. Um bosque distante da cidade usado para a prática da caça humana num jogo com armas de brinquedo. Ideal para treinar técnicas de guerrilha. Frequentei o lugar uma vez por semana durante anos.

Você tem certeza de que quer usar armas de verdade – eu pergunto.

Está com medo. Está se cagando de medo – ele disse.

Só nós dois. Hoje. Após as vinte e duas horas. Você entra pelo portão do lado esquerdo. Eu pelo do lado direito. Nossas armas serão iguais e a quantidade de munição também. Serão essas as únicas regras – ele disse.

Ele é o melhor da equipe. Campeão em torneio de tiros. Um matador que olha através da presa.

Você não tem coragem – ele disse.

O medo é útil quando coloca os sentidos em prontidão.

Vinte e três horas e uma tempestade desaba sobre o bosque dificultando a utilização dos sentidos. Fico imóvel até que tudo se acalme.

Você não tem coragem – ele disse. Você não tem coragem.

Por volta das duas horas a tempestade se transforma em uma chuva leve. A estratégia agora é me mover o menos possível. Com o menor barulho possível. Uma tática simples. Menos movimento, menos barulho. Menos barulho, menor exposição.

Ouçõ passos em minha direção. Mato sendo amassado. Próximo demais. Próximo o suficiente para um único tiro.

Os passos cada vez mais próximos.

Ele está se expondo demais. Está fazendo muito barulho.

Disparo e um corpo cai no mato. Próximo. Muito próximo.

Fui checar.

Não era ele.

O combinado é que seríamos só nos dois. Ele convidou outro parceiro para me servir de isca.

O tiro denunciou minha posição e agora ele sabe onde me encontrar.

O filho da puta me traiu.

A chuva parou completamente. Ouçõ mais passos se aproximando. Ele armou uma emboscada. O filho da puta armou uma emboscada.

Disparo e acerto o alvo.

Ainda não era ele.

Quantos mais ele chamou?

Só nós dois - ele disse.

Só nós dois. Filho da puta.

Mudo minha estratégia. Saio dali e vou seguindo em direção

ao portão da lateral direita. Vou ao seu encontro.

Ele está me caçando.

Quantos mais estão com ele?

O raciocínio agora não vai me ajudar em nada.

Instinto.

Instinto de animal acuado.

Instinto.

E pelo instinto dei meu próximo tiro.

O filho da puta está morto.

Quantos ainda estarão com ele?

Cinco da manhã. Está clareando. Cruzo o portão e saio do bosque onde nunca mais estive. Foram necessárias três mortes para aprender que não existe regra. Nenhuma regra. Só sobreviventes.

O ENCONTRO.

Acreditando na minha vocação servi o exército durante três anos. Esse período serviu para descobrir que sou avesso a burocracias. É mais fácil você comprar uma arma no mercado paralelo do que se sujeitar a um Estado burocrático.

Deixei o exército e passei a fazer meu treinamento sozinho.

A disciplina me garante.

Só precisava de uma arma eficiente que não fosse descartável e ampliasse meus conhecimentos. Um tiro, uma morte.

Arrumei um contato certo, faço parte do pagamento e em quinze dias é possível retirar a mercadoria.

Madrugada fria.

Nos cruzamos numa esquina.

Combinamos:

Eu de jaqueta azul, tênis azul escuro, jeans e boné preto.

Ele jaqueta verde, tênis preto, calça jeans.

Nunca nos vimos antes.

Nunca mais nos veremos.

Ele me entrega a bolsa.

Confiro: arma russa dividida em duas partes.

A mala contendo duas caixas com munição raspada. Protegidas por uma camada de chumbo e ferro.

Eu entrego o envelope.

Dinheiro. Em dólar.

A segunda parte do que combinamos.

Pretendo encomendar outra em breve.

É só falar ele disse.

Cruzamos a rua juntos. Ele foi para a esquerda. Eu pelo outro lado. Atravesso outra rua e sigo feliz.

Vou para casa trabalhar na retífica da arma. Apagar suas impressões digitais. Sem raias. Sem identidade.

Desmonto toda a arma. Filmo cada etapa do desmonte. Invejo sua perfeita fabricação. Seus encaixes precisos. Sua lógica. A engenharia das engrenagens.

Uma arma que nunca foi utilizado antes. Fiz questão que fosse assim.

Vou ser o primeiro. O primeiro a usar.

Posso amaciar como quiser. Do meu jeito.

A MIRA.

Eu tinha doze anos quando dei meu primeiro tiro. Anualmente minha família organiza uma festa na capela da cidade. Com doze anos eu era o responsável pela execução do holocausto que serviremos durante os festejos.

– Venha filho. Venha treinar seus dons.

Alguns dos melhores animais são colocados num grande cercado. Os animais para o abate. Os animais que serão servidos na festa da capela da cidade. Orgulho de nossa família. A festa para agradecer e comemorar o crescimento do rebanho. O crescimento das vendas. O crescimento das nossas riquezas. A prosperidade da vila.

Uma vez soltos no grande pasto os animais não sairiam com vida dali.

Arma de abate. Abre. Dobra. Carrega a munição. Fecha. Mira.

Espero até que se acalmem. Que se sintam tranquilos com o novo ambiente. Eu também preciso de calma.

Fazer parte da paisagem. O cheiro do vento. O cheiro da paz. A grama cheirando molhado logo após a chuva de verão.

Assim que dou meu primeiro tiro tudo se altera. Tudo se agita. O primeiro animal abatido cai com um tiro entre os olhos e permanece sangrando no meio do gramado.

Os outros se agitam. Correm de um lado para o outro no cercado.

Novamente espero que se acalmem. Não tenho pressa. O céu azul. Está um dia lindo para morrer.

O alvo torna-se parte de mim. Eu faço parte da paisagem. Somos um. Olhando através da mira fico apreciando o horizonte. A união do céu e da terra. A comunhão. Tranquilizo minha alma. Não há mais nada. Nada mais importa. A única coisa é fazer bem feito. Essa é a meta. A perfeição. Sou um com o cenário. Trabalho com escalas e profundidade. A velocidade do vento. A curvatura da bala. Olhar através de um único ponto. Um único cenário. Um único objetivo. A mira. Outro tiro. Agora no canto do pescoço entre a cabeça e o peito.

Como um ritual os abates seguem. Um após outro. E outro. E outro. Até que o último animal cai no chão sem vida.

Fico ali, sentado, olhando a movimentação através da mira.

Depois de terminado os empregados da fazenda se encarregam da limpeza e posterior entrega aos paroquianos que irão temperar e assar a carne em holocausto ao Senhor como prova de nossa gratidão.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos neste combate, sede nossa guarda contra a maldade e ciladas do demônio. Instante e humildemente pedimos que Deus sobre ele impere; e vós, Príncipe da milícia celeste, com o poder divino, precipitai no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos, que vagueiam pelo mundo para a perdição das almas. Amém.

O ALVO.

Em seis meses todas as modificações foram feitas na minha nova arma russa. Hora de testar os ajustes. Roubo um carro e fico circulando pela cidade. Madrugada. Prefiro a madrugada. Trabalhar sem muitas testemunhas. Apenas o alvo e eu.

Percorro caminhos desconhecidos. Becos. Vielas. Ruas sem saída. Um alvo. Procuo um alvo.

Na minha profissão a ansiedade não é boa conselheira.

A primeira coisa que faço quando encontro o alvo é olhar para ele. Observar seus movimentos.

Há uma honra e um desafio em observar. Respeito pelos limites. Melhor é quando o alvo ignora que está sendo observado. Depois de um tempo ele se torna extremamente previsível. Passo a comungar com o alvo. Minha respiração é a respiração do alvo.

Não penso. Procuo não pensar. Procuo me integrar à paisagem e de alguma forma modifica-la sem ser percebido.

Olhar o mundo com outros olhos. Sem a arrogância da onipotência. Um observador apenas. Nada mais.

Os felinos urbanos são alvos que exigem perícia e rapidez. São caçadores noturnos: ratos, baratas, mariposas, filhotes de pássaros fazem parte de sua dieta.

Cães são como mendigos e bêbados: alvos dóceis. Fáceis de eliminar. Nem percebem o que foi que os atingiu.

Inspirado pela nova aquisição - naquela noite matei sete.

O último foi um homem fardado que esperava o ônibus. Alvo estático. Sonolento. Longe. Mirei na cabeça. Hora de treinar pontaria. O Impacto da bala projetou a cabeça para trás escorando o corpo na parede de fundo. Outro tiro no meio do peito.

Pela sua expressão cansada ele havia deixado o plantão e seguia para o merecido descanso. Talvez uma vida de rotinas medíocres: da casa para o trabalho, prender um traficante incompetente ou negociar algum pedágio para a venda de drogas. Preencher formulários e boletins de ocorrência.

Quem sabe uma família para sustentar: mulher e três filhos.

Quem sabe um sujeito esperando uma promoção. Uma nova patente.

Os cartuchos estão sem número de série – mais um crime sem suspeitos. Mais um crime na lista dos insolúveis.

Sou um sujeito tímido. Inconformado com algumas injustiças, mas tímido. Sou um prestador de serviços. Anônimo. Não sou como o psicopata que precisa dos holofotes da imprensa para se masturbar. Não quero a fama. Apenas quero fazer o meu trabalho

bem feito.

Não participo de discussões fúteis.

Executo.

Não torturo.

Gosto da boa comida. Bom vinho.

Não costumo beber quando estou trabalhando. Considero um gesto antiprofissional.

O que não tolero é ser passado para trás.

A vida é morrer ou matar. Escolhi matar.

Não pertenço a facções.

Atuo sozinho.

Por convicção e por falta de confiança.

Por praticidade.

Sou atirador por formação e prazer.

Gosto de ouvir o som dos encaixes do aço.

O som do aço contra o aço.

Dediquei dois anos de estudos antes de fechar o negócio com a rama russa. Pesquisei modelos e utilidades. Depois me certifiquei da procedência. Tem muito farsante nesse mundo. Muitos espertinhos querendo levar vantagem.

Anatomia é importante. Meu corpo precisa se adaptar, precisa estar preparado para receber o armamento. E vice e versa. Fiz exercícios direcionados de alongamento quando decidi comprar aquela arma. Ter o controle absoluto do gatilho. Trabalhei o aço para não deixar identidade. O projétil não deixa identidade.

É ninguém.

Escolhi essa arma pelo histórico. Trata-se de um objeto muito prático. Sua sofisticação é sua simplicidade.

Certas modernidades só acontecem por força do capital especulativo. Do capital selvagem.

A cada seis meses o mercado lança um objeto novo. O capital precisa vender qualquer coisa a qualquer um. Através da mídia o capital alimenta a ânsia vazia.

A ansiedade consumista irá varrer a espécie humana do planeta que se transformará em montanhas de lixo.

Sinto-me uma espécie de guardião que elimina as pragas destruidoras.

Como um bom soldado escolho as melhores armas para a batalha. Manter o pensamento focado. Objetivo.

Minha formação é completa.

Tenho hábitos saudáveis. Faço exercícios.

Meu corpo e minha mente se moldam ao novo elemento. Tor-na-lo parte de mim. Um prolongamento dos meus membros e dos meus sentidos.

O CORRESPONDENTE.

Cabeça vazia oficina do demônio. Uma inexplicável ausência tomou conta de mim. Estava ficando depressivo. Então que aceitei um trabalho extra.

Em tempo de vacas magras aceito outros trabalhos. Desde que não manche minha reputação.

O contratante arca com todas as despesas.

Marcamos em um café em Amsterdã. Ele chega. É um sujeito bem aparentado.

Gosto de fumar maconha quando vou tratar de negócios – ele disse.

Jaqueta preta, barba e cabelo aparados, perfume amadeirado. Óculos que lhe atribuem certo ar de intelectual. Nos cumprimentamos e fomos sentar em uma mesa no fundo do café. Calmamente ele tira um gravador do bolso e o coloca sobre a mesa.

Vou gravar nossa conversa – ele disse.

Gosto de ouvir depois para conferir os detalhes. Fique tranquilo – ele disse. É um hábito antigo, dos tempos de correspondente de guerra. Um fetiche. Apago tudo depois de ouvir. Não se preocupe.

Estou falando muito? – ele disse. Sem me dar tempo para responder pediu ao garçom uma cerveja e o melhor cigarro de maconha do café.

Você gosta de guerras?

Não.

Nunca foi um mercenário de guerra?

Não. Não gosto de receber ordens. Trabalho sozinho. Sou meu gerente.

Eu não sei trabalhar sozinho – ele disse – depois tirou o isqueiro do bolso e deu um longo trago em seu cigarro de cheiro achocolatado. Segura a fumaça. Fecha os olhos por um instante e então bebe um generoso gole de cerveja escura.

Eu fui jornalista. Cobria guerras no oriente médio. Vou te contar uma coisa. Uma vez fui cobrir um acampamento

Um sujeito se matou e espalhou o cérebro pela tenda.

Quando cheguei ainda escorria.

Lentamente. Coagulando.

Sangue escuro.

Escorre como numa tela de pintor contemporâneo.

Traça linhas ao acaso.

Centenas de linhas.

Escorrendo lentamente.

Fui me informar e descubro que o suicida foi visitar uns amigos no acampamento ao lado há uns vinte quilômetros dali.

Voltou e viu os corpos de seus companheiros sem as cabeças.

Cabeças que certamente tornaram-se troféus em algum acampamento inimigo. E quem sabe motivo de riso e comemoração em jogos infantis cuja única regra é sapatear sobre aquelas cabeças e num gozo comemorar com um grito.

Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.

Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos.

Porém, se desistirem, sabeis que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.

E combatei-os até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus. Porém, se desistirem, não haverá mais hostilidades, senão contra os iníquos.

É preciso odiar o inimigo.

É preciso ensinar as crianças a odiarem os inimigos.

Não tolerar o inimigo.

Jogar com cabeças rolando pelo chão – só prazer.

Morrer humilhado.

Matar humilhando.

Execrar e banalizar o que um dia foi o inimigo.

Matar os homens e as crianças.

Arregaçar vaginas: essa é a lei dos vencedores.

Os corpos estavam sobre a mesa. Os pratos agora são uma mistura de sangue e comida enlatada.

Corpos sem cabeças.

Corpos espalhados pelos corredores com as calças arriadas e os membros decepados.

Fotografei.

Quer ver?

Não.

Foi a guerra mais violenta que já vi. O ódio estava por todos os lados. Até que um dia minha vida mudou. Fui contratado por um aparelho terrorista para ser uma espécie de assessor de imprensa do grupo.

E fumou e bebeu.

Estou falando demais – ele disse.

Sim.

O motivo do meu contato é simples. O grupo para quem trabalho precisa abrir novas praças para os negócios. O Oriente Médio já está saturado e do jeito que se matam logo não restará mais ninguém por lá. A meta agora é atuar na América rica.

E fumou. E bebeu.

Ele tira do bolso um mapa que abre sobre a mesa e aponta: aqui!

Acertamos os detalhes: preço, local, data, horário, público alvo.

Saímos tarde da noite do café.

OS PREPARATIVOS.

Ao chegar no aeroporto compro os jornais da cidade. Alugo um quarto. Um taxi me deixa num cruzamento. Desço e ligo a câmera. Quando comecei a filmar tive a sensação de já ter estado naquele lugar antes. Um déjà vu. Havia uma alegria familiar no movimento daquelas pessoas. Parecem nutrir simpatia umas pelas outras. Acenos educados de quem compartilha aquele espaço por gerações.

Apesar de ser um estranho ali, de nunca ter estado ali antes, fui recebido com olhares acolhedores.

Fui retribuindo cada obrigado, cada saudação de bom dia. Criaturas afetuosas.

Perdi minha carteira e prontamente alguém tocou em mim: o senhor deixou cair – disse o jovem ao me devolver o pertence.

O senhor é novo por aqui – disse o sorridente rapaz de pele clara e bochechas rosadas.

Sim. Estou procurando um lugar tranquilo para ficar uns tempos. Quem sabe alguns anos.

O senhor vai gostar daqui, o clima é bom, as pessoas são generosas e acolhedoras – ele disse.

O PARAÍSO!

Nem tanto, mas para o senhor ter uma ideia é o lugar com o menor índice de criminalidade do país – ele disse.

Que sorte a minha ter perdido minha carteira aqui.

Sim, muita sorte. Preciso ir. Minha namorada está me esperando. Hoje faz dois anos que nos estamos juntos e vamos comemorar – ele disse. Até breve.

Eu tinha tempo: três meses. Cheguei naquela noite no hotel e fui assistir ao vídeo. Estudar o lugar: o ônibus estaciona e dele descem crianças uniformizadas com idade entre quatro e doze anos. Durante dez minutos seguidos cerca de cinco ônibus repetem o mesmo ritual – deixam dezenas de crianças vestidas de azul e branco num padrão irritante. No final da tarde voltam os ônibus e as crianças em algazarra tomam seus lugares e voltam para casa.

Dezesseis horas e o delicatessen na outra esquina está lotado com executivos tomando café com bolo. Conversam animadamente sobre os lucros das ações na bolsa de mercado futuro. O aquecimento no mercado imobiliário e os rumos do câmbio.

Dezesseis e trinta e na outra esquina um taxi estaciona na porta da farmácia do hospital. Hospital da Caridade. O motorista desce, abre a porta traseira e auxilia uma idosa a descer do carro amparada por sua bengala.

Na outra esquina o Mercado Municipal fica lotado no final de tarde. Senhoras com carrinhos de compras e sacolas cheias. Jovens casais escolhendo frutas, verduras e outras coisas para o lanche da noite. Casais acompanhados dos filhos que se demoram na frente das prateleiras com doces e chocolates.

O horário ideal para começar a detonar as bombas: 16 horas.

Final de tarde. Pessoas esperançosas regressando para suas casas depois de mais um dia de trabalho. A vida dessas pessoas nunca mais será a mesma. Seria melhor não terem nascido. Ou quem sabe já viveram o suficiente e serão agora inscritas na eternidade com os nomes grafados em algum monumento comemorativo em lembrança às suas vidas cheias de rotinas. Lembrança dos sorrisos simpáticos, da vida próspera e alegre. Erguer um obelisco em comemoração aos impostos pagos com o trabalho diário. O nome de famílias inteiras no marco zero onde cidadãos comovidos depositarão flores para quem sabe aliviar uma culpa por ainda estarem vivos. As dores existências. A dor do luto.

Adormeci por um instante e sonhei. Cães latiam naquele cruzamento. Cães apavorados dirigiam seus latidos para o céu repleto de nuvens escuras. As pessoas caminham tranquilas e se assustam com o latido dos seus cães. Todos olham para o céu. Há um movimento estranho nas nuvens. Aves negras brotam das nuvens. Os seres pareciam vampiros e seus focinhos se pareciam com focinhos de ratazanas, orelhas pontiagudas e grandes asas que sobrevoavam os cães. Em rasantes velozes as criaturas aladas fincam suas garras e sugam o sangue dos cães sem que fosse preciso morder. Os humanos assustados abandonam seus cães e fogem apavorados. Os cães secos se espalhavam pelas ruas da cidade.

Acordo e continuo assistindo ao vídeo. Por dias e dias assisto.

Começo a frequentar o lugar. Armo um disfarce. Uma máscara. Um figurino irreconhecível. Comum e invisível. Um qualquer.

Pés confortáveis.

Calça comprida.

Terno simples.

Gravata.

Uma mochila.

Passeio todo dia. Uma vez pela manhã, outra na tarde. Aleatoriamente. Sempre com o mesmo estilo de roupa. A mesma máscara. A mesma cara de cansado. Compenetrado em livros, contas bancárias, jornais e revistas com os índices da bolsa de valores. Anúncios imobiliários.

O sujeito que atende no delicatessen já sabe como fazer meu café da manhã. Vai se casar no dia marcado para a explosão.

Um presente de casamento.

Ele se casa e duas horas depois o cruzamento todo irá explodir.

Quatro bombas preparadas para explosão em sequencia. Suficiente para matar, ferir e ainda atordoar estourando tímpanos, arregaçando pernas, triturando. O deslocamento repentino do ar provocará o estrago. O ar e os estilhaços desgovernados e velozes. Implacáveis em linha reta.

Estudei cada esquina do cruzamento, cada grupo de pessoas e seus afazeres cotidianos.

Procuro encontrar um lugar ideal para acomodar os explosivos. Uma determinada altura. Alguns cálculos. A primeira na saída dos estudantes.

A segunda, trinta segundos depois na outra esquina no mercado. A terceira trinta segundos depois na farmácia no hospital e a quarta trinta segundos depois na lanchonete todas em horário de

pico. Cento e vinte segundos que irão mudar toda a paisagem do paraíso.

Trinta segundos entre cada explosão.

A BOMBA.

No hotel monto os quatro tubos de aço raiado com cerca de quinze centímetros de comprimento. Detonador eletrônico. Massa plástica C4. Suficiente para uma multidão ser ferida ou morta.

O detonador possibilita a apreciação à distância. Posso filmar e depois enviar o resultado para o contratante apreciar em um ângulo exclusivo.

As bombas são fáceis de transportar, fáceis de instalar. Práticas.

Fiz uma combinação para que as explosões ocorram sequencialmente em sentido anti-horário nos quatro cantos do cruzamento.

O EFÊMERO.

A mesquinharia tomou conta da experiência humana.

O mercado cria a ilusão que mantém a maioria escravizada. A massa desejan-te. Escravos da sorte. Escravos dos sonhos e dos ideais. Manipulados pelo mercado criador de urgências.

Assim é.

O mercado cria a ilusão. A ilusão para toda a humanidade. O sonho democrático da maioria na busca de riqueza. Dinheiro fácil. Comodidades. Você precisa disso – diz o mercado. Você precisa da-

quilo. Você precisa de um novo aparelho de televisão. Você precisa de uma nova geladeira. Você precisa preencher seu vazio com uma nova droga sintética. Um novo remédio para ansiedade. Um novo calmante. Um novo excitante. Vitaminas.

Pareço um velho. Preciso me aposentar. Esperar que alguém reze pela minha alma. Pela alma dos cachorros.

Todos procuram uma forma de aumentar os lucros. A ganância é um veneno aplicado na antessala da razão. O excesso de informação que desnorteia.

Frieza cínica. Um sustento cínico para obter lucros maiores. Embalagens plásticas. Valor agregado.

A EXPLOSÃO.

Quando a bomba explodiu os pedaços dos corpos se espalharam pelas esquinas do cruzamento. Pelas ruas. Troncos partidos, desmembrados. Filmei.

A mecânica calculada para a explosão objetivou deixar poucos sobreviventes. Aqueles corpos despedaçados. Pedacos humanos de hipocrisias, vaidades, exploração, vilania...

Carne podre. Alimento para os vermes. Toda a vaidade se foi. Os gêneros tornaram-se partículas.

A assepsia do local aconteceu em seguida. Bombeiros, policiais, equipes de resgate e salvamento, polícia técnica, voluntários. Todos emocionados.

Os telejornais com pronunciamentos indignados diante da desgraça alheia.

O noticiário.

Especulações.

Manchetes:

grupo terrorista faz atentado a bomba.

O número de mortos aumentou para seiscentos. Centenas ainda estão internadas. Muitas crianças em estado grave. O número de mortos poderá ser ainda maior.

Especialistas acreditam que os dispositivos foram programados para explodir em sequencia.

Testemunhas narram ter ouvido quatro explosões com intervalos de segundos entre elas.

Sobe para mil o números de mortos. Muitos ainda seguem internados em estado grave.

O presidente colocou o exercito de prontidão.

Moradores das vizinhanças acendem velas e depositam flores na catedral em homenagem aos mortos.

Em todo o país pessoas manifestam sua dor.

Até o momento nenhum grupo terrorista assumiu a autoria do atentado.

Em casa abro um vinho de boa safra...

Celebrar o trabalho bem feito.

Um telefonema: outro trabalho – ele disse.

Não.

Vou tirar umas férias.

Eu crio porcos.

Tornou-se tradição da família poupar os animais de dores extremas. Nossa filosofia de trabalho está alinhada aos métodos recomendados pelas associações protetoras dos animais. Agindo assim, o sacrifício dos animais é menos doloroso e menos estressante.

Comercialmente ganhamos um selo de qualidade no abate o que torna a carne de nossos suínos mais cara. Agregamos valores e fazemos parte da lista de carnes recomendadas para o consumo gourmet.

Mas nem sempre foi assim. Tudo começou com meu bisavô e os anos que antecederam a primeira grande guerra. A guerra das trincheiras.

Meu bisavô não estava feliz onde estava. Não tinha dinheiro. Não tinha comida. Todos passando fome e frio. Ver sua família passando necessidades. Os amigos. Os inimigos. Todos passando fome. Crianças desnutridas. Em tempos de pré-guerra o céu fica cinza, mesmo com sol a pino – o ar pesado, denso, as pessoas se estranham e não há espaço para dúvidas – foi quando ele resolveu mudar de ares antes que as coisas piorassem ainda mais. Sua fortuna era um trio de porcos – duas fêmeas e um macho. Exigiam pouco. Comiam qualquer coisa. Porcos comem da própria carne se for preciso.

Meu bisavô era um bicho arreado. Entrou em marcha pelo

interior e embarcou rumo a essas terras. Ele, sua mulher, quatro filhos e três porcos.

Não viveu para ver a herança que deixou ao seu filho e ao filho do seu filho prosperar. E, finalmente tenho toneladas de carne que são abatidas anualmente. Hoje exportamos a maior parte.

Os porcos procriam. E procriam. Hora de sacrificar. Hora de exportar.

Tudo em acordo com as normas internacionais de vigilância sanitária e do serviço de inspeção.

No início as coisas aconteciam de forma diferente. O abate se resumia a um porrete: presta atenção, a primeira coisa a fazer é imobilizar o bicho. Mirar sua nuca e dar uma marretada certa – ele disse.

Estourar seu cérebro com a pancada e logo depois enfiar uma faca em seu coração. Enfiar uma faca em um porco de cem quilos é igual a matar um homem gordo.

O grito do animal que defeca diante da morte.

Falta de ar.

O animal começa a babar atordado.

Salivar.

A faca corta o cor. Rasga as entranhas. Expor as vísceras.

O sangue segue por canaletas até serem armazenados em bacias. Sangue para ser cozido.

Os miúdos. O coração. A limpeza. Minhas botas encharcadas.

Sangue. Minhas botas encharcadas.

Cresci ouvindo porcos gritarem de dor desde o amanhecer até a noite. Ainda posso ouvi-los. O grito dos agonizantes.

Os porcos não se importam se comem para engordar ou virar carne de corte ou mesmo se seu couro será usado para revestir calçados ou se importam com sua semelhança com a configuração humana. Os porcos não se importam com o que nos importamos. Os porcos comem e se reproduzem e comem e se reproduzem e comem e se reproduzem.

Meu bisavô e seus três porcos. Não viveu para ver a prosperidade. Foi assassinado por conta de uma dívida de jogo.

A PAISAGEM.

Da sacada é possível ver a manada pastando. Aprendi a atirar matando porcos.

A arma. A pontaria

Mesa. Braço apoiado na mesa.

A arma. Apoiado na mesa.

Só disparar quando tiver absoluta certeza de que o alvo irá morrer.

Os porcos se multiplicam.

Ao contrário de seu pai meu avô nunca matou ou comeu qualquer um de seus porcos. Eram para procriar, para vender as

crias e assim alimentar sua família.

O tempo honra quem faz por merecer.

Meu avô morreu depressivo. Uma pergunta o incomodava. Porque seu pai havia saído de tão longe para morar no sertão ignorante?

Medo da guerra? Mas estamos sempre em guerras.

Meu avô vivia em outro mundo. Não gostava daqui.

Sentia-se fora do seu tempo.

Vivia infeliz. Seu desejo era morar em outro lugar. Sentia-se um estrangeiro. Um país tardio, sem cultura.

Um homem triste. Chorava e rezava pelos cantos. Acordava cedo, antes do sol. Todos os dias a mesma sequência de orações, um trecho de texto bíblico. Discutia consigo mesmo ‘esse negócio não está certo’. Que negócio vô? ‘Esse negócio que está escrito aqui. Isso não está certo. Não está. Não faz sentido’.

Congelei o sêmen dos melhores porcos reprodutores. Os porcos premiados. Vender para outros criadores o sêmen dos porcos premiados.

Costumo descansar na fazenda depois de um trabalho. Minha arma repousa na fazenda.

Testo minhas habilidades nas terras ancestrais.

Alguns porcos vagam livremente.

A planície facilita a mira.

Algumas árvores.

Um bosque.

Estaciono na beira da estrada.

Logo o sol irá se pôr.

MO
NO
LO
GAR